

A trajetória da investigação científica no âmbito da enfermagem¹

Gertrudes Teixeira Lopes

Resumo

Trata este artigo de descrever a evolução do conhecimento ao longo dos tempos e sua relação com a trajetória da pesquisa científica no mundo, no Brasil e em particular na Enfermagem. Nessa perspectiva, podemos inferir que a pesquisa em Enfermagem inicia-se com Florence Nightingale na Europa no século XIX, se expande com as enfermeiras norte-americanas em meados do século XX e chega ao Brasil no final deste século, mais precisamente em 1972, com a criação do primeiro curso *stricto sensu* em nível de mestrado, sob o impulso da Reforma Universitária de 1968. Em sua evolução, a pesquisa em Enfermagem sofre momentos de rupturas significativas e novos paradigmas são criados, ampliando o seu corpo de conhecimentos, especialmente no final do século passado com a criação dos cursos de doutorado.

Palavras-chave: Enfermagem. Evolução. Investigação. História.

1-Considerações iniciais

1.1 Primórdios

O homem em sua trajetória sempre teve como preocupação central a busca de novos conhecimentos. Por essa perspectiva, o conhecimento científico, ou não, permeou e perpassou toda a história da humanidade.

Tomando como ponto de partida essa discussão, tivemos a primeira ruptura em relação ao conhecimento no século IV antes de Cristo, quando o centro de interesse dos filósofos é deslocado de uma visão de mundo, cujo pensamento central se direcionava para a cosmologia e a física, para uma visão antropocêntrica, voltada para a *polis*, ou seja, para a organização dos cidadãos em seu território e sob suas leis - Cidade Estado. Temos aí uma mudança de paradigma, cujos princípios influenciaram a humanidade por mais de vinte e cinco séculos.

O marco dessa mudança deve-se a Sócrates, filósofo grego que coloca o homem no centro da sociedade e lança os primeiros conceitos de cidadania, ou seja, de respeito ao ser humano, à ética e à política.

Seus seguidores Platão e Aristóteles, embora com algumas diferenças de pensamentos, procuraram seguir as bases filosóficas instituídas por Sócrates, as quais, além de perpassar a humanidade, tiveram grande aceitação no período medieval, com o predomínio da religião católica na Europa, e até hoje influencia a sociedade moderna (CHAUÍ, 2001).

De acordo com a mesma autora, deve-se também a Sócrates a criação da ciência, do pensamento filosófico e dos primeiros métodos de investigação da humanidade.

Esse conhecimento se amplia com Platão quando desenvolve o método do diálogo, portanto a *Dialética*, e com Aristóteles, através de sua mais importante obra a *Metafísica* cujos princípios vão nortear a pesquisa e os avanços das novas descobertas, das ciências, dos procedimentos, ou seja - o *método*.

Passando pela era medieval, onde o conhecimento só podia ser considerado verdadeiro e irrefutável se oriundo da teologia, portanto, elaborado a partir dos princípios divinos - filosofia cristã - chegamos ao século XVI, quando uma nova forma de olhar o mundo se evidenciou e um novo paradigma se estabeleceu rompendo com o paradigma anterior.

Nessa evolução, uma ruptura significativa acontece na ciência e no pensamento científico, quando o novo paradigma fundamentando-se na idéia de intervir na natureza para conhecê-la e apropriar-se dela para controlá-la e dominá-la passa a predominar no pensamento da humanidade. Chegamos ao século XVII com as grandes descobertas no terreno da industrialização, das mudanças sociais profundas e posteriormente ao século XIX com o predomínio do pensamento positivista. Inicia-se aí a fase da ciência moderna (CHAUÍ, 2001).

A ciência, a partir dessa nova visão de mundo, passa a considerar a natureza como o ponto central das suas descobertas, metodizando e configurando as ciências naturais e as ciências sociais como *coisa*, ou seja, estuda a sociedade na visão de que o fato social deve ser estudado como *coisa* e à qual são aplicados os procedimentos de análise e síntese próprios das ciências naturais.

A partir desse paradigma, passou a ser considerada ciência e conhecimento científico, os resultados decorrentes das investigações que pudessem ser observados através dos sentidos, submetidos à experimentação e isento de valores.

Segundo Minayo (1999), essa visão de mundo, iniciada no século XVI, vai se sedimentando pelo século XVII e no XVIII encontra o seu maior

defensor, o filósofo e sociólogo Augusto Conte, a quem é atribuída a criação do método e da filosofia positiva ou *POSITIVISMO*.

Por essa vertente, o mesmo rigor metodológico adotado pelas ciências naturais deveria ser empregado nas ciências sociais, o qual criaria as suas leis invariantes – nasce assim a Sociologia – nos moldes das ciências naturais.

Ainda de acordo com Minayo (op. cit.), é a partir da inadequação dos métodos e técnicas utilizadas na busca do conhecimento da sociedade, que tem como características – ser dinâmica e histórica - e, portanto sujeita a transformações pela própria contradição que traz embutida, que surgem as críticas a esse modelo e novos paradigmas emergem para explicar a sociedade e suas relações com os fatos sociais.

Ainda a esse respeito, no século XVII, surgiram filósofos que criticavam a idéia de progresso, entre eles Rousseau que, afirmava que a despeito de todo progresso e das conquistas alcançadas, ele não representava uma melhoria do próprio homem, ao contrário contribuiu para a decadência dos valores, dos costumes e práticas da humanidade (ANDERY, 1988).

Assim, de acordo com Andery (1988), chegamos ao século XX e mais precisamente à atualidade com três grandes paradigmas:

O paradigma Realista, cuja base filosófica se assenta na filosofia positivista e que até hoje exerce grande influência na produção do conhecimento, principalmente na área da saúde, através de sua vertente o *estruturalismo*;

O paradigma Existencialista, cuja preocupação é trazer para a reflexão e a produção, o homem e a sua essencialidade, procurando compreender o ser na sua subjetividade. Essa corrente filosófica iniciada por Husserl é denominada *fenomenologia*;

O paradigma materialista, que procura compreender a sociedade em suas determinações objetivas/subjetivas, suas mediações e inter-relações sociais, cunhando os seus princípios na historicidade,

portanto, no movimento dinâmico transformador, dando origem ao *Materialismo Histórico e Dialético*.

O paradigma desenvolvido por Marx e Engels, segundo Minayo (1999), estudou os movimentos sociais na Europa, no século XIX, a partir das contradições presentes na filosofia capitalista, base da economia da época e que permanece até os dias atuais.

2- A trajetória da pesquisa em enfermagem

2.1 No contexto geral

Tomando como ponto de partida os movimentos sociais do século XIX e os paradigmas consolidados ou emergentes dessa época, é possível inserir nesse contexto histórico os primórdios da investigação na área de Enfermagem.

Segundo Angerami (1993) e Baptista e Barreira (1997), a Enfermagem experimentou a primeira ruptura paradigmática, quando ultrapassou os conceitos e preceitos da Enfermagem pré-moderna, fundamentada no senso comum, assistemática e fragilizada e passa a utilizar-se dos princípios da ciência moderna.

Assim, de acordo com as autoras, atribui-se a Florence Nightingale, mulher inteligente, bem conceituada na sociedade inglesa, a criação da *Enfermagem Moderna*.

Nightingale utilizou métodos e técnicas da ciência, entre eles, a observação para elaborar os princípios que norteiam a Enfermagem. Nightingale não apenas observava, como relata a história, os feridos de guerra, com a sua lamparina, símbolo da ENFERMAGEM, mas observava sistematicamente, como preconiza os cânones da ciência moderna, e os registrava, o que deu origem à produção do livro, *Notas sobre a Enfermagem*, oriundo dos fragmentos de suas observações e anotações.

Além de observar os doentes, Nightingale também procurou observar o ensino de Enfermagem ministrado nos hospitais da época, cujos cursos eram dirigidos por médicos. Percebendo neles a fragilidade

no ensino, especialmente no que se refere à articulação teoria/prática, concluiu que os conteúdos eram eminentemente práticos.

Assim, segundo Sauthier (2000), Angerami (1993) e Paiva et al. (1999), Florence Nightingale instituiu as bases norteadoras da assistência, do ensino e da pesquisa.

Em que pese a assistência, elaborou os princípios científicos em relação aos aspectos ambientais, que deu origem à teoria ambientalista de Florence Nightingale e também elaborou o primeiro conceito de Enfermagem, assim explicitado: *devemos promover todas as condições necessárias e deixar que a natureza se encarregue do resto*. Desse modo, foram se configurando e se consolidando os princípios da Enfermagem moderna, na versão assistencial.

Em relação ao ensino de Enfermagem, Nightingale ao observar o desenvolvimento da Enfermagem pré-moderna, lançou três princípios fundamentais:

1. As Escolas de Enfermagem devem ser dirigidas por enfermeiras;
2. A teoria e a prática devem ser sistematizadas;
3. Deve-se proceder à seleção das candidatas levando-se em conta os seus valores morais e aptidão.

Quanto à pesquisa, Nightingale orientava para o desenvolvimento da observação dos fatos ocorridos e o seu respectivo registro, com vista à tomada de decisões, lançando, dessa forma, os primeiros passos para o desenvolvimento da pesquisa científica.

O modelo Nightingaleano foi inicialmente implantado na Inglaterra, no Hospital Saint Thomas, em Londres, e daí se disseminou para outros continentes.

Segundo Angerami (1993), o modelo Nightingale atravessou o oceano (Atlântico) e se implantou nos países da América do Norte, em especial nos Estados Unidos da América e no Canadá.

Nos Estados Unidos, inicialmente, o modelo de ensino também foi fragilizado em sua concepção,

demandando um aumento desordenado no número de cursos de “treinamento de enfermeiras”, nome atribuído aos cursos de Enfermagem, a ponto, de os diretores dos hospitais desejarem ter um curso em cada instituição (SAUTHIER, 2000).

Com a reorganização dos cursos, a Enfermagem norte-americana se reestrutura, se expande e passa a se desenvolver no campo da investigação científica.

Nesse aspecto, a pesquisa científica, no começo do século XX, inicia o seu desenvolvimento, e em sua trajetória as pesquisas elaboradas pelas enfermeiras passaram por importantes transformações (ANGERAMI, 1993):

1. Inicialmente, as pesquisas tinham como preocupação central responder “QUEM”, quem eram os enfermeiros, quantos eram, quem entrava nos Cursos de enfermagem, portanto, o interesse se voltava para *contar as cabeças*. Nessa oportunidade, utilizava-se as técnicas da pesquisa quantitativa e fundamentava-se no método de análise positivista.

2. Num segundo momento, as pesquisas centravam-se na pergunta “O QUE FAZEM AS ENFERMEIRAS”, aqui o foco de interesse se direcionava para as atividades técnicas desenvolvidas pelos profissionais em suas atividades cotidianas. Os resultados dessas pesquisas demonstraram uma grande distorção no fazer das enfermeiras, gerando espanto tanto nas próprias enfermeiras, como nos administradores das instituições de saúde.

3. Por volta da década de 60, início da década de 70, as enfermeiras norte americanas investiram no aprofundamento dos conhecimentos em pesquisa científica, buscaram a qualificação e a conquista de novos espaços, nacional e internacional. Surge, nesse momento, o interesse e um profundo investimento nas “TEORIAS DE ENFERMAGEM”.

Em decorrência dessa nova fase, as enfermeiras vão abandonando a abordagem quantitativa e se aproximando da pesquisa qualitativa, ou seja, foram deixando de valorizar os aspectos técnicos para compreenderem as relações sociais

existentes na sociedade e em seu campo de atuação. Assim, as pesquisas qualitativas fundamentadas na sociologia, na antropologia e na filosofia assumem o foco central das investigações.

Atualmente, a Enfermagem dos Estados Unidos da América volta o seu interesse para as questões dos sujeitos em suas inter e hetero – relações, do ambiente, do senso comum, da cotidianidade dos sujeitos, dos grupos sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais (ANGERAMI, 1993).

2.2 No Brasil

Historicamente, a investigação científica de Enfermagem, no Brasil, acontece com a inserção, no início do século XX, das enfermeiras norte-americanas, a convite do então diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, Carlos Chagas, para organizar um corpo de Visitadoras Sanitárias para combater as epidemias que assolavam o país.

Desse modo, segundo Paiva et al. (1999) e Baptista e Barreira (1997), o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), através de um acordo de cooperação firmado com a Fundação Rockefeller, recebeu inicialmente a enfermeira Ethel Parson, em 1921, para dirigir as ações de Enfermagem no DNSP. Posteriormente mais 13 enfermeiras chegaram ao Brasil.

Ethel Parson, com sua visão prospectiva, se mobilizou para implantar uma Escola de Enfermagem, no que foi apoiada pelos governantes da época. Diante da aprovação, em 1922, cria-se a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, hoje, Escola de Enfermagem Ana Nery, implantada em 1923.

Portanto, foi no bojo da criação e consolidação da Escola de Enfermeiras do DNSP que se iniciaram, no Brasil, os primeiros ensaios para a investigação científica. Assim, em 1932, foi criado o primeiro instrumento de divulgação das informações de Enfermagem denominado *Annaes de Enfermagem*,

que, a partir de 1954, passou a chamar-se Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn).

Num movimento paralelo, a direção da Escola de Enfermeiras da DNSP, através de convênios, encaminhou enfermeiras ex-alunas para melhor se qualificarem nos Estados Unidos e Canadá.

Nessa oportunidade, fez parte do *Programa de Qualificação*, entre outras, a enfermeira, Zaira Cintra Vidal, idealizadora e primeira Diretora da Escola de Enfermeiras do Distrito Federal, posteriormente Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, hoje Faculdade de Enfermagem da UERJ.

Ao retornar do exterior, Zaira Cintra Vidal, escreveu as três primeiras obras literárias da Enfermagem:

1. Técnicas de Enfermagem, em 1933;
2. Drogas e Soluções, em 1934;
3. Técnicas de Ataduras, em 1938.

Posteriormente, em 1957, foi produzido, pela Dr^a Elvira de Felice Souza, o livro *Fundamentos das Técnicas de Enfermagem*, cuja repercussão e divulgação ultrapassou as fronteiras nacionais e se consolidou no país como livro texto importante. A esse respeito é relevante destacar que foi tão ampla a penetração dessa obra na Enfermagem Brasileira que até hoje o que temos de mais sistematizado em relação às técnicas de Enfermagem procede de seu legado.

Ainda segundo Paiva et al. (1999), em 1961, na tentativa de compilar a história da Enfermagem brasileira, a enfermeira Walesca Paixão escreveu o livro *História de Enfermagem*, obra de grande repercussão nacional e largamente utilizada no ensino de História da Enfermagem.

No terreno da investigação científica propriamente dita, a história registra que a primeira pesquisa nos moldes da ciência moderna chegou ao Brasil, no início do século XX, através do Instituto Oswaldo Cruz, de Manguinhos, cujos resultados foram validados pela comunidade científica internacional.

Na área de Enfermagem, podemos ilustrar que a primeira pesquisa sistematicamente organizada foi

desenvolvida pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn); aconteceu entre 1956 e 1958, com o título *Levantamento de Recursos e Necessidades em Enfermagem*, e contou com o apoio da Fundação Rockefeller, da Organização Pan-americana de Saúde (OPS) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse estudo pode ser considerado como um marco na história da pesquisa em Enfermagem

O levantamento tinha como objetivo demonstrar as condições de recursos humanos, sua distribuição geográfica e as condições de ensino Enfermagem no Brasil.

Após a conclusão do primeiro momento da pesquisa, a ABEn criou, em 1958, uma Comissão de seguimento do levantamento, a qual deu origem, em 1971, à Comissão Especial de Pesquisa em Enfermagem (CEPEEn). Dessa iniciativa, a partir de 1989, foi criado o Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem (SENPE), estando hoje na 11^a versão.

Outro evento de realce histórico, de acordo com Paiva et al. (1999), remete à tese da Professora Titular Glete de Alcântara, em 1963, defendida na EEUSP/Ribeirão Preto, com o título: *A Enfermagem Moderna como Categoria Profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira*.

Em 1964, o XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado na Bahia, teve como tema central *A Enfermagem e a Pesquisa*, confirmando o envolvimento e o interesse dos enfermeiros brasileiros com a investigação, com as novas descobertas e com os novos rumos que a Enfermagem deveria tomar para acompanhar o movimento de expansão da pesquisa e o desenvolvimento industrial do país. Nesse congresso, a ênfase é dada à construção de um corpo de conhecimento próprio da profissão.

Nesse evento, algumas enfermeiras apresentaram os resultados de suas pesquisas, com ensaios metodológicos fundamentados na racionalidade da ciência moderna. Apesar dos estudos ainda serem incipientes, foi um bom começo para a Enfermagem.

Por outro lado, de acordo com Baptista e Barreira (1997), o fato social que veio contribuir para mudar as feições da Enfermagem no Brasil remete à Reforma Universitária de 1968.

A Reforma preconizava a indissociabilidade da pesquisa e ensino, como exigência para as universidades e eventualmente para os cursos privados.

Nesse momento em que a política do Estado estava sob o regime militar, grande ênfase foi dada ao desenvolvimento tecnológico, sendo por isso a reforma configurada como "Tecnicista".

A partir desse evento, um grande incremento foi dado à Pós-Graduação, e a Enfermagem cria a partir dessas determinações o primeiro curso de Pós – Graduação *stricto sensu* em nível de mestrado, na Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1972. Esse foi um passo decisivo na criação de um novo paradigma para a pesquisa em Enfermagem, cujo modelo se fundamentava na racionalidade da ciência moderna. Essa ruptura inicia um processo de transformação da Enfermagem brasileira, com a consolidação da pesquisa em bases científicas e a Enfermagem passou a galgar patamares acadêmicos semelhantes a outras áreas do conhecimento.

Novos cursos de mestrado foram implantados no país. Em 1973, foram criados o da Faculdade de Enfermagem da Universidade de São Paulo e o da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. A partir daí outros cursos foram se expandindo e se consolidando em todo o território nacional. Hoje, de acordo com informações da CAPES (ON LINE, 2001), contamos com 15 Cursos de Mestrado, nas regiões, Nordeste, Sudeste e Sul do país.

Estudos desenvolvidos por Baptista (1983) em relação à produção científica do Curso de Mestrado da Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro, demonstraram que as produções dos mestres no período de 1975 a 1981 tinham como características metodológicas o desenvolvimento de estudos exploratórios e descritivos, que utilizavam a instrumentação quantitativa, portanto dos recursos da estatística em suas diferentes técnicas

de verificação. Os resultados das pesquisas eram representados majoritariamente em gráficos e tabelas. A discussão apoiava-se nos pressupostos de abordagem positivista, ou seja, apenas na apresentação de dados empíricos, e a interpretação era feita exclusivamente com o apoio da literatura pertinente, excluindo o pesquisador de uma discussão mais profunda no quadro das inferências, uma vez que o princípio da neutralidade científica tinha que ser respeitado.

Esses estudos evoluíram no período de 1983 a 1987, como mostra a pesquisa desenvolvida por Lopes (1989), nos cursos de mestrado das Escolas de Enfermagem Anna Nery e Alfredo Pinto. Nessa ocasião, já se observava indício de uma produção em que, além da pesquisa quase-experimental, a abordagem qualitativa se fazia presente. Podemos citar como exemplo, em um conjunto de 46 teses examinadas, uma utilizou o método quase-experimental e cinco a metodologia qualitativa.

O desenvolvimento da pesquisa qualitativa se consolida, entretanto, com a implantação dos cursos de Doutorado, em 1981, na Escola de Enfermagem da USP/SP, e, em 1989, na Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ. Foi a partir do doutorado que as enfermeiras procuraram desviar o foco de sua atenção em relação ao objeto de pesquisa, anteriormente técnico, para as questões de ordem social. Nessa perspectiva, as enfermeiras também deixam parcialmente a metodologia de pesquisa científica tradicional para embasar os seus estudos em metodologias emergentes, principalmente naquelas que procuravam compreender a subjetividade da pessoa humana. Contamos atualmente no país, com nove cursos de doutoramento.

Segundo Angerami (1993), as enfermeiras procuravam na metodologia qualitativa encontrar respostas para as suas inquietações e começaram a produzir trabalhos na vertente da fenomenologia, antropologia e da dialética crítica.

Apesar do avanço nessa perspectiva metodológica, pesquisadores como Ciampone (1997)

questionam o impacto que as pesquisas que utilizam essas metodologias alternativas ou emergentes têm causado na realidade da Enfermagem, ou seja, questiona a sua aplicabilidade no campo da prática.

Ainda nessa linha de pensamento, Leopardi (1997) nos traz as seguintes reflexões: sendo a enfermagem uma profissão técnica, quais seriam os efeitos da produção atual para a prática? Conseguiriam as enfermeiras com esse novo conhecimento fundamentado nos paradigmas existencialista e materialista gerar impacto ou transformar a prática social da Enfermagem?

Essas e outras reflexões estão presentes no pensamento da comunidade científica de Enfermagem. Sem sombra de dúvida, a história como a substância da sociedade dará respostas a essas indagações.

Por outra perspectiva, podemos considerar como ponto central do avanço da pesquisa na área de Enfermagem a contribuição dos meios de divulgação que ao longo dos anos vêm tentando corresponder às necessidades e à demanda da produção dos enfermeiros.

Se por um lado, segundo Leopardi (1997), os cursos de Pós – Graduação têm incrementado a produção científica, principalmente nos últimos anos, com o apoio dos órgãos de fomento, as enfermeiras têm encontrado muitas dificuldades no escoamento dessa produção. Ainda segundo a mesma autora, são poucas as fontes de publicação e divulgação do conhecimento produzido.

A exemplo disso, na cidade do Rio de Janeiro, que congrega mais de vinte cursos de graduação em Enfermagem, três cursos de Mestrado e vários cursos de Especialização, além da produção científica dos enfermeiros assistenciais, contamos com apenas duas revistas indexadas: *Revista Enfermagem UERJ* e *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, o que de certa forma se constitui um agravante na divulgação do conhecimento, pois, segundo a mesma autora, a validade de uma pesquisa está diretamente relacionada com a sua difusão na sociedade.

Merece destacar-se também que os avanços na busca e na consolidação do conhecimento têm suscitado nos enfermeiros encontrar caminhos para congregar novos saberes. Por essa razão, foram criados núcleos/grupos de pesquisa em todo o país, os quais têm gerado saberes articulados a partir da aglutinação de pesquisadores experientes, professores, enfermeiros e alunos de graduação e pós-graduação - *lato sensu e stricto sensu*.

3- Aspectos éticos na pesquisa em enfermagem

O desenvolvimento de pesquisas em qualquer área do saber impõe aos pesquisadores uma atitude ética. A Enfermagem, como uma profissão cuja natureza do trabalho aglutina atividades que são diretamente realizadas com as pessoas no processo saúde/doença, precisa estar atenta para observar os princípios da ética ao desenvolverem suas práticas e suas investigações científicas. Esse tem sido um campo de reflexão e discussão dos enfermeiros brasileiros em todos os tempos.

Segundo Pereira (1983), a ética como norteadora de valores dos seres humanos deve ser considerada nas pesquisas em Enfermagem, pois estas lidam com situações particulares como, por exemplo, aquelas relacionadas com a bioética, como a engenharia genética tão em voga na atualidade e as questões cotidianas da área da saúde como a inseminação artificial, o aborto, os transplantes, entre outros.

Para atender a essas especificidades, o Código de Deontologia de Enfermagem, criado em 1975, estabelece no Capítulo II – Do Exercício Profissional – Artigo 9º, parágrafo VIII, que é proibido o enfermeiro: *realizar ou participar da realização de pesquisa em que o direito inalienável do homem seja desrespeitado, ou acarrete perigo de morte ou dano à saúde física ou mental*; e, no parágrafo XIX, *realizar ou participar da realização de pesquisa que envolva menor ou incapaz, sem a observância das disposições legais pertinentes*

Corroborando essas determinações, atualmente, a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde estabelece diretrizes para o desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos, as quais têm apoiado largamente as pesquisas na área de Enfermagem.

4- Considerações finais

A pesquisa em Enfermagem em sua trajetória vem se articulando e se desenvolvendo na perspectiva de acompanhar a evolução científica, utilizando-se dos diferentes paradigmas vigentes - Realista, Existencialista e Materialista.

Nesse caminhar, os enfermeiros têm avançado na compreensão das metodologias alternativas, principalmente na abordagem qualitativa, ao desenvolverem seus trabalhos críticos e compreensivos da realidade social, criando inclusive novos procedimentos para a busca de informações.

Apesar de sermos uma profissão jovem, se considerarmos seu início com a Enfermagem Moderna, temos avançado a passos largos na perspectiva da

construção de um corpo de conhecimento que coloque a Enfermagem em patamares de CIÊNCIA.

A participação dos enfermeiros em eventos nacionais e internacionais testemunha a evolução da Enfermagem brasileira e a qualidade dos produtos dessas investigações são confirmados em premiações de algumas pesquisas em eventos internacionais.

Sabemos que ainda temos muito que avançar em busca de um sólido conhecimento. Sabemos que não é uma tarefa fácil, mas estamos percorrendo essas trilhas, na maioria das vezes com muitas dificuldades de ordem econômica, estrutural, ideológica e até mesmo cognitiva. Mas somos conscientes das nossas responsabilidades para corresponder aos anseios e às necessidades da profissão, dos profissionais e da comunidade.

Esperamos que essas produções científicas venham a gerar impacto na prática e no ensino da Enfermagem brasileira. Sem sombra de dúvida, o conhecimento só pode avançar através do investimento sólido na pesquisa científica. E a Enfermagem está buscando este caminho.

The career of scientific investigation in Nursing area

Abstract

This article describes the evolution of knowledge through out time and it's connection to the path of scientific research in the world, in Brazil, and particularly in Nursing. In that point of view we can infer that research in nursing starts in Europe with Florence Nightingale in the nineteenth century, expands with the north american nurses in the twentieth century and arrives in Brazil at the end of the last century, precisely in 1972, with the first *stricto sensu* course in masters level, under with the impulse of the University Reformation of 1968. Research in Nursing, during it's evolution, suffered significant ruptures and new paragons were created expanding knowledge, specially in the end of the past century with the doctoral course.

Keywords: Nursing. Evolution. Investigation. History.

La trayectoria de la investigación científica en el campo de la enfermería

Resumen

Este artículo trata de describir la evolución del conocimiento a lo largo de los tiempos y su relación con la trayectoria de la investigación científica en el mundo, en el Brasil y en particular, en la enfermería. En esta perspectiva, podemos inferir que la investigación en enfermería, se inicia con Florence Nightingale en Europa en el siglo XIX, se extiende con las enfermeras norteamericanas a mediados del siglo XX y llega al Brasil en el final de este siglo, mas específicamente, en 1972, con la creación del primer curso de postgrado en el nivel de maestría, sobre el impulso de la Reforma Universitaria de 1968. En su evolución, la investigación en enfermería sufre momentos de ruptura significativas y nuevos paradigmas son creados, ampliando su cuerpo de conocimientos, especialmente al final del siglo pasado con la creación de los cursos de doctorado.

Palabras claves: Enfermería. Evolución. Investigación. Historia.

Referências bibliográficas

- ANDERY, M. A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. 446 p.
- ANGERAMI, E L S. O mister da investigação do enfermeiro. **Rev. Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.1, n.1, p. 11-22, jan, 1993.
- BAPTISTA, S. de S. **Tendências da produção científica do curso de mestrado da Escola de Enfermagem Anna Nery - 1975-1981**. 1983. Dissertação (Mestrado em enfermagem)- Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BAPTISTA; S. de S., BARREIRA, I. de A. **A luta das enfermeiras por um espaço na universidade**. Rio de Janeiro: Anna Nery/ UFRJ, 1997. 193 p.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12. ed.. São Paulo: Atlas, 2001. 440 p.
- CIAMPONE, M. H. T. O impacto da pesquisa em enfermagem na sociedade. **In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM**, 9,1997. **Anais...**Vitória:
- LEOPARDI, M. T. Tendência da produção científica na enfermagem., **In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM**, 9,1997. **Anais...** Vitória: ABEn,1997. p. 39-47.
- LOPES, G.T. **Tendência temática e avaliação metodológica das teses de mestrado em enfermagem de duas universidades do Rio de Janeiro - período 1983-1987**. 1989, 160p.Tese(Livre Docência)- Faculdade de Enfermagem, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1989.
- MINAYO, M. C. P. **O desafio do conhecimento: a pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999. 269 p.
- PAIVA, S. M. et al. **Enfermagem brasileira: contribuição da ABEn**. Brasília: ABEn, 1999. 78 p.
- PEREIRA, A. C. **O Ethos da Enfermagem**. 1983, 25p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Enfermagem, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- SAUTHIER, J. *Entrevista* – S.N.B. 2000.

Nota

¹Artigo oriundo da prova escrita do Concurso de Títulos e Provas para Professor Titular do Departamento de Fundamentos de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro(FENF/UERJ).

Sobre o Autor

Gertrudes Teixeira Lopes

Professora Titular DA FENF/UERJ. Área de Pesquisa em Enfermagem. Doutora e Livre Docente. Membro da diretoria colegiada do NUPHEBRS. Pesquisadora do CNPq. Procientista da UERJ.